

Estrelas perdem o brilho no Congresso

José Leonardo Rocha

Algumas das principais "estrelas" que chegaram ao Congresso no início do ano não conseguiram repetir, na rotina da vida parlamentar, o mesmo brilho que exibiam nas atividades anteriores. Seja por falta de afinidade com o trabalho legislativo, pela dificuldade de adaptação do funcionamento do Congresso ou por nostalgia, deputados como Miguel Arraes e Gustavo Krause, ambos ex-governadores de Pernambuco, e Ronaldo Caiado, outrora o principal representante dos ruralistas, pouco produziram nos primeiros sete meses de parlamento.

Arraes e Krause não apresentaram até hoje nenhum projeto. Em abril, Arraes, no único documento encaminhado à Mesa, subcreveu requerimento de informações ao ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, sobre as pressões que o governo norte-americano estaria fazendo ao BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) para que não fossem concedidos empréstimos ao Brasil. Krause, por sua vez, garante que dará entrada com dois projetos "bastante polêmicos", nas próximas semanas. Pela controvérsia envolvida, Krause preferiu não revelar os temas. Ronaldo Caiado apresentou oito projetos, tem tido presença freqüente na Comissão de Agricultura, mas não é mais o grande articulador dos proprietários rurais.

Ajustamento

As razões de cada um para um desempenho inicial abaixo das expectativas são diversas. Arraes, que já foi deputado federal de 82 a 86, também sem maior destaque, admite não ter nascido para a vida parlamentar. "Eu também não gosto de muitas coisas que tive que passar na vida", disse, ao ser questionado sobre sua falta de afinidade com a atividade de deputado. "Mas o parlamento até que não é das piores coisas, porque permite trabalhar pelas causas populares", emendou. Arraes foi governador pela última vez de 86 a 90 e, segundo ele, está no Congresso "como decorrência da luta política que vem travando há muitos anos. A tímida atuação no primeiro semestre do ano foi resultado de um "período de ajustamento da Câmara" e não de dificuldades próprias, garante Arraes.

Krause, também ex-governador, revela um fascínio pela vida parlamentar, ao contrário de Arraes. O deputado pernambucano admite ter estranhado a mudança. "São duas lógicas diferentes: a do poder unipessoal, do Executivo, e a do poder plural, menos ágil, porém mais sábio, do Legislativo. Há uma dificuldade natural de ingressar na estrutura do poder, porque aqui antigüidade é poder", esclarece. O caminho do sucesso no parlamento, revela Krause, ex-vereador de Recife, é o tríplice trabalho, tempo e paciência. "As vezes dá uma sensação de vazio", reconhece. Krause admite não ter atuação destacada em plenário e justifica que ainda não apresentou projetos por sentir a necessidade de, primeiro, tomar conhecimento do que já existia para ser votado.



Ailton C. Freitas 16/08/89



Francisco Gualberto 23/01/91



Edson Gês 20/03/91

Caiado, em primeiro mandato, mostra-se apático; Lula não sente falta do prestígio parlamentar e Miguel Arraes garante que é mais fácil ser governador

Projetos

Se for levado em conta apenas o critério de apresentação de projetos, o ex-presidente da poderosa UDR (União Democrática Ruralista) Ronaldo Caiado, não poderia ser questionado. Ele foi autor de oito proposições até hoje, sendo três projetos criando escolas técnicas em cidades de Goiás, três solicitações de informações ao Ministério da Economia, um projeto isentando de IPI o material de construção para casas populares e silos agrícolas e um que equipara o peão de rodeio a artista profissional.

A atuação de um deputado pode ser centrada na elaboração de proposições, nos discursos em plenário — atividade hoje carente de grandes nomes —, no trabalho nas comissões ou nas negociações políticas. Há ainda os que se destacam como plenaristas, dominando o regimento interno para manobrar as sessões, e os que são fortes pela capacidade de articular em torno de si.

Caiado perdeu justamente sua maior força, que era a representatividade dos proprietários de terra. Segundo o deputado Valdir Ganzer (PT-PA), suplente na Comissão de Agricultura, os "nomes mais pesados" dos grandes proprietários são hoje os deputados Flávio Telles de Menezes, ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira, e o ex-ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli. "O Caiado não articula, é apagado nos debates, está mostrando outra cara, a de um tigre de papel", diz Ganzer. A diferença está, segundo o deputado, no tipo de latifúndio que cada um defende: "O Caiado dá certo para articular com o latifúndio retrógrado, mas quando entra numa coisa mais elaborada, na grande propriedade produtiva, nos laranjais de São Paulo, os interesses são diferentes". O próprio Caiado admite que os interesses regionais, ou setoriais, prevalecem.